LUIZ DE CAMÕES

MARINHEIRO

ESTUDO

POR

Maria de Moura Coutinho de Almeida de Eça

ALMEIDA D'EÇA

DAVID CORAZZI—EDITOR

EMPREZA HORAS ROMANTICAS

Rua da Atalaya, 40 a 52

1880

Quem deixará, até onde cheguem as suas forças, de concorrer para illustrar o nome do Poeta extraordinario que emprehendeu e levou a cabo o levantar o monumento da nossa gloria nacional?

VISCONDE DE JUROMENHA. *Obras de Camões*. Vol. I, pag. 7.

O perscrutar os mais fundos recessos do espirito de um poeta como Camões, não é indigno da critica, nem um estudo vasio de interesse.

J. G. MONTEIRO. *Carta ácerca da ilha dos amores*, pag. 11.

A maior parte das observações, que vão ler-se, foram feitas longe da patria, quando o poema de Camões era o unico amigo intimo com quem desabafavamos saudades e soffrimentos. Concluimos depois este humilde estudo em uma aldeia de Portugal, onde faltavam os bons livros e mestres, cuja consulta seria indispensavel para que elle fosse menos que imperfeito. Sirva isto de desculpa á rudeza d'estas linhas, que só pretendem ser homenagem de agradecimento áquelle que tão bem soube fallar ao coração do marinheiro.

Abril de 1880.

I

O nosso Epico, o immortal auctor dos *Lusiadas,* o escriptor que fez com que o estrangeiro não esquecesse de todo o nome portuguez,—tudo isto se diz que foi Luiz de Camões. A fibra patriotica julga-se quite da divida de gratidão ao grande Poeta com ter-lhe erigido um monumento de gosto duvidoso, em sitio acanhado da capital, e com pronunciar o seu nome quando lhe dizem os desalentados que Portugal é uma terra morta. Mas, por se orgulharem tanto de ser filhos do mesmo torrão em que nasceu Camões, nem por isso esses, que tantas ve-

zes lhe citam o nome, sentem tentação de tomar conhecimento, sequer passageiro, do que elles dizem ser um padrão das nossas glorias; e, não fallando nos que propriamente se dedicam aos estudos litterarios, porque a esses incumbe o dever de conhecerem as obras do nosso Poeta, raro se encontrará nas classes illustradas um portuguez que dos *Lusiadas* tenha lido mais que as poucas oitavas *selectas,* que se encontram nos compendios de instrucção.

Assim, ao passo que o inglez, o allemão ou o francez menos dado ás lides litterarias, mas que se preze de ter uma educação regular, conhece, possue, lê e cita amiudadas vezes Shakespeare, Milton e Byron, ou Schiller e Goethe, ou Molière e Lafontaine, nós, despresando as joias de metal sem liga pelos enfeites de ouropel, fallamos de Camões quasi como os cegos poderão fallar da luz. E o mal é tanto maior quanto uma audaciosa escola contemporanea tenta arrogar-se o exclusivo de fallar verdade, de *photographar* a natureza, como dizem os seus corypheus, dando a entender que o que antes d'elles se escreveu era tudo falso, que ninguem tinha habilidade para copiar a natureza, e que só elles sabem chamar as cousas pelo seu nome!

Não nos permittem as nossas poucas forças entrar na liça contra essa escola, que hoje parece ter assambarcado o gosto e os louvores do publico; só

quizeramos pedir respeitosamente aos thuriferarios do novo idolo, que consintam a algum *retrogrado* da arte o conservar no mais intimo do seu espirito a crença de que, em tempos que já lá vão, houve quem escrevesse com realidade, quem pintasse a natureza tal como ella é; consintam-lhe que, lendo o pobre Camões, encontre n'elle descripções verdadeiramente reaes ou *realistas,* porque são apenas verdadeiras.

Para se ser poeta, verdadeiramente poeta, para se fallar poeticamente da natureza ou das artes, não basta ter a inspiração do rythmo, saber alinhar palavras ora altisonantes ora docemente musicaes; é necessario conhecer a natureza, conhecer as artes e as sciencias de que se quer fallar, é necessario sentil-as, consubstanciar-se com ellas. Para fallar de astronomia, ainda mesmo poeticamente, é necessario conhecer os astros; para fallar do mar é necessario ter percorrido os oceanos, ter presenciado as tempestades, ter soffrido com o marinheiro, porque

> quem não sabe a arte, não na estima
>
> (Lus. v, 97.)

Quem não tiver conhecido exactamente e sentido as cousas que quer descrever, só póde copiar uma natureza subjectiva, filha da imaginação, pura invenção do seu cerebro. É por isso que vemos hoje

um Pharaó montado em corcel andaluz, mastodontes em correrias desenfreadas pelas florestas virgens da Europa contemporanea, condores pousados graciosamente nos calices das rosas, e... *il resto no lo dico.*

Mas Camões viu os continentes e as ilhas, os oceanos e as montanhas, e por isso é o grande pintor da natureza; Camões foi soldado, e por isso é o veridico narrador das batalhas; Camões serviu cargos do estado, e por isso dos seus versos se póde tirar um tratado completo de politica; Camões, finalmente, navegou muito, e por isso é, como diz Alexandre de Humboldt, um grande pintor maritimo (1).

Espiritos elevados e intelligencias altamente illustradas tem já considerado o nosso Poeta debaixo de alguns d'estes pontos de vista. Parece-nos, comtudo, que ainda se não explorou sufficientemente um dos veios mais ricos d'essa riquissima mina. Tentaremos nós, em rapido esboço, mostrar como na sua palheta de multiplices côres tinha Camões algumas das mais brilhantes e apropriadas para descrever o mar e pintar os homens que n'elle vivem. Procuraremos mostrar como Camões foi um marinheiro, mas um marinheiro de alma e coração divinamente inspirados; procuraremos demonstrar como lhe assenta bem o epitheto de *Naval Poet,* que lhe deu um escriptor inglez, e teremos assim justificado o titulo que demos a este despretencioso trabalho.

II

Para poder tratar da sciencia e da arte do marinheiro com a provada exatidão e superior proficiencia, que se observam nas suas obras, devia Camões ter tido um longo tirocinio maritimo, pois só com largas viagens sobre o mar poderia elle adquirir esses conhecimentos tão variados.

Se ainda hoje, com tantos tratados e livros ao alcance de todas as intelligencias, é comtudo difficil, a quem não viu o mar e os seus trabalhos, fazer d'elles uma idéa aproximadamente exacta, muito mais acontecia isso no tempo do Poeta, quando a geographia, a astronomia e a nautica eram sciencias, alem de atrasadas, possuidas por poucos, de modo

que a maioria das pessoas, ainda mesmo das classes illustradas, faziam de tudo o que dizia respeito á navegação, idéa vaga e por vezes muito afastada da verdade, confundindo-se no seu espirito os verdadeiros perigos do mar com os horrores e mêdos imaginarios, que eram ainda restos da tradição do Mar Tenebroso. Os escriptores, que não tinham navegado, ao descreverem scenas maritimas, serviam-se de um padrão uniforme, successivamente copiado ou imitado, e em que a natureza muitas vezes tinha pouca parte. E realmente, como poderá descrever com exactidão uma tempestade quem nunca tenha visto alguma? Como poderá descrever com verdade o alvoroço sentido pelo marinheiro ao avistar terra, depois da longa e trabalhosa navegação, aquelle que nunca saíu do remanso da patria e do conchego da familia (2)?

Mas o nosso Poeta foi n'esse ponto mais feliz que nenhum outro, porque navegou e viajou muito, e de si podia dizer o que poz na bôca do Gama:

> Os casos vi, que os rudos marinheiros,
> Que tem por mestra a longa experiencia,
> Contam por certos sempre e verdadeiros,
> Julgando as cousas só pela apparencia;
> E que os que tem juizos mais inteiros,
> Que só por puro engenho e por sciencia
> Vêm do mundo os segredos escondidos,
> Julgam por falsos ou mal entendidos.
>
> (Lus. v, 17.)

Antes, pois, de vermos como o Poeta tratou das cousas do mar, recordemos da sua biographia o que diga respeito ás navegações que fez (3).

Luiz de Camões embarcou pela primeira vez pelos annos de 1546. Este primeiro embarque parece ter sido um castigo motivado ou pelos seus malfadados amores com D. Catharina d'Athayde ou por qualquer outra causa, talvez um duello dos muitos que lhe originava o seu genio ardente e cavalheiroso, que lhe valeu dos companheiros e quiçá dos emulos a alcunha de Trinca-fortes. Certo é que partiu para Ceuta, e em tão boa ou má hora que, logo n'essa viagem, teve um recontro com corsarios barbarescos, suppondo-se que foi então que perdeu o olho direito.

Voltou de Africa em 1549 em companhia de D. Affonso de Noronha, que tinha sido capitão de Ceuta, e que, chegado a Lisboa, foi nomeado vice-rei da India por D. João III. Vinha o Poeta já com tenção de se alistar para a India, o que fez com effeito em 1550 na *nau dos Burgalezes,* que pertencia á armada em que D. Affonso de Noronha devia seguir viagem. Não partiu, porém, n'essa occasião, mas sim tres annos depois, a 24 de março de 1553, na armada que levava por capitão-mór Fernão Alvares Cabral. Era tal o seu desejo de partir, ou para deixar a patria onde o perseguiam os desgostos, ou para ver se melhorava de fortuna e podia realisar as aspirações do seu coração, que trocou com outro

homem d'armas, e embarcou na capitaina, que era a nau *S. Bento.*

N'esta viagem experimentou Camões os duros trabalhos do mar, porque a armada, poucos dias depois de saír de Lisboa, foi assaltada por um temporal que a dispersou. Chegado ás alturas do Cabo pagou o Poeta o tributo devido ao Genio d'aquellas paragens, que elle havia de immortalisar. Essa tormenta, que elle descreveu na sua elegia III, inspirou-lhe com certeza o bello episodio do Adamastor. Não podendo já seguir a viagem pelo canal de Moçambique, ou por ter passado a monção ou por causa das correntes contrarias, a nau *S. Bento* fez a derrota por fóra da ilha de Madagascar, correndo n'aquelle parallelo até á latitude da India. Finalmente, em setembro, chegou o Poeta a Goa, depois de seis mezes de uma viagem, que, parcendo-nos hoje aborrecida e longa, não foi comtudo das peores para aquelle tempo.

A vida dos militares portuguezes na India era um tecido de continuas expedições ora terrestres ora maritimas, predominando comtudo estas ultimas. Por isso, mez e meio depois de ter o Poeta chegado a Goa, já o vemos acompanhar o vice-rei em uma d'essas expedições, que tinha por fim soccorrer o rei de Cochim. Ahi teve elle occasião de observar desembarques e combates em terra. Logo em seguida a esta viagem ao sul de Goa fez o Poeta outra ao

norte, embarcando na armada que foi correr a costa meridional da Arabia e cruzar no golfo de Aden, a qual era commandada por D. Fernando de Menezes, filho do vice-rei. N'esta expedição teve Camões desembarques, assaltos de fortalezas, combates navaes, e um cruzeiro enfadonho em que muitas vezes contemplou com desgosto a triste aridez do Guardafui, até que em setembro de 1554 regressou a Goa.

Dois annos depois, sendo já governador da India Francisco Barreto, foi o nosso Poeta para a China, na armada de Francisco Martins, para occupar o cargo de provedor dos defuntos e ausentes.

O nosso primeiro estabelecimento na China tinha sido na cidade de Liampó, e chegou a tão grande altura de riqueza e prosperidade commercial, como se póde ver das descripções que Fernão Mendes Pinto faz das festas com que ali foi recebido o famigerado Antonio de Faria (4). Perdeu-se este estabelecimento em 1542, por causa das desordens provocadas pelo negociante Lançarote Pereira. Em 1544 conseguiram os portuguezes estabelecer-se em Chincheu, mas tambem d'ahi foram expulsos em 1547 por causa das malversações e expoliações de Ayres Botelho de Sousa, capitão-mór e prevedor dos defuntos. Finalmente, faziam o seu commercio em Lampacau, quando em 1557 obtiveram dos chinas o estabelecerem-se na peninsula de Macau, como premio de terem expulsado dos seus portos um

temivel pirata (5)? É, pois, provavel que o nosso Poeta fosse ainda tomar parte n'esse combate, que deu aos portuguezes a posse d'aquelle estabelecimento, e a elle a do logar para que ía nomeado.

Querem a maior parte dos escriptores, que tratam da vida de Camões, que a ida d'elle para a China fosse degredo imposto por Francisco Barreto, por causa da critica acerba que o genio mordaz e independente do Poeta fazia ás cousas da India, mas o erudito biographo de Camões e seu editor moderno, a quem nos encostamos n'estes apontamentos, defende a memoria do governador, e julga que se se não deve considerar castigo a nomeação para um logar tão rendoso.

Foi o Poeta infeliz em Macau, porque, dois annos depois de chegar, nos primeiros mezes de 1558, veiu preso para Goa, á ordem do governador, por accusações sobre a sua administração dos bens dos defuntos e ausentes. Quem sabe se elle vinha pagar as culpas do seu antecessor Ayres Botelho? Foi n'esta viagem de regresso a Goa que elle naufragou na costa de Camboja na Cochinchina, salvando-se a nado com o seu poema, e perdendo tudo o mais que possuia. A este naufragio allude elle quando diz que o rio Mé-kong

> receberá placido e brando
> No seu regaço o Canto, que molhado

Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada do que ditosa.
(Lus. x, 128.)

Chegado a Goa, onde já estava o novo vice-rei D. Constantino de Bragança, foi o Poeta solto, tendo-se justificado das accusações por que vinha preso. Desde então até 1567 succederam-se as suas viagens por todo o Oriente, e é provavel que acompanhasse D. Diogo de Menezes a Malacca e d'ahi fosse percorrer as Molucas e chegasse mesmo ao Japão.

Voltou a Goa pelo meiado de 1567, e foi agraciado pelo vice-rei D. Antão de Noronha com a sobrevivencia no cargo de feitor de Chaúl, logar de representação e bom ordenado. Não chegou, porém, o Poeta a tomar posse d'elle, porque, cansado de perseguições e soffrimentos, aproveitou o offerecimento de passagem que lhe fez Pedro Barreto, o qual ía por capitão-mór para Moçambique, e com elle deixou Goa em 1567, fazendo assim a sua ultima viagem no oceano Indico. Em Moçambique esteve cerca de dois annos, e foi ahi que terminou e aperfeiçoou o seu poema, feito quasi todo já durante o tempo em que elle esteve em Macau,

já durante as suas viagens e expedições, pois diz elle dirigindo-se ás Nymphas do Tejo e do Mondego:

> Olhae que ha tanto tempo que *cantando*
> O vosso Tejo e os vossos Lusitanos
> A fortuna me traz perigrinando,
> Novos trabalhos vendo e novos damnos,
> Agora o *mar,* agora exp'rimentando
> Os *perigos mavorcios* inhumanos;
> Qual Canace, que á morte se condena,
> *N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna.*
>
> (Lus. VII, 79.)

Finalmente, em 1569, arribou a Moçambique a armada que regressava ao reino, e na qual íam os amigos do Poeta, os quaes, tendo pago as suas dividas, o trouxeram a Portugal na nau *Santa Clara,* «nau a mais rica, diz o sr. visconde de Juromenha, que tinha vindo de carreira da India, pois trazia a seu bordo Luiz de Camões e Diogo do Couto.»

Fundeou a nau na bahia de Cascaes em abril de 1570, e assim terminaram as longas perigrinações do Poeta.

Dez annos depois, a 10 de junho de 1580, morria Luiz de Camões, pobre e desamparado, e «vereis todos, escrevia elle pouco antes de deixar o mundo, que fui tão affeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella!»

III

Temos visto como Luiz de Camões percorreu em repetidas viagens o Oceano Atlantico e o Indico, o mar da China e os Estreitos. Para vermos como a sua intelligencia superior aproveitou este longo tirocinio, appropriando-se e, por assim dizer, assimilando-se tudo quanto observára, phenomenos do mar, costumes dos marinheiros, sciencia de navegação, etc., basta abrir o seu immortal poema, porque ahi, sempre que elle tem de se referir ás cousas do mar, fal-o com a maxima propriedade, com toda a verdade de descripção.

Respiguemos, pois, n'essa vasta campina de tantas flores e fructos.

A vida do marinheiro tem tormentos e prazeres

desconhecidos aos homens de terra. A lucta constante com os elementos torna-o *rudo,* epitheto que o Poeta a miude lhe dá. A monotonia dos longos dias em que se não vê *mais que mar e céu* (Lus. v, 3), faz com que elle procure abreviar o tempo com historias e contos, torna-o investigador curioso das cousas novas que vae vendo. A saudade da patria faz-lhe alvoroçar o coração com a lembrança d'ella, e é por isso que elle procura ser o primeiro a dar o alegre brado de—«Terra á vista!»—brado que faz esquecer todos os trabalhos e males passados.

Tudo isto observou Camões.

Deixa o marinheiro a patria e despede-se dos parentes e amigos, que o vão acompanhar ao embarque, não fallando nos curiosos que não perdem o imponente espectaculo que offerece um navio ao fazer-se de véla. Concorre pois, muita gente,

> Uns por amigos, outros por parentes,
> Outros por ver sómente,
> Saudosos na vista e descontentes.
>
> (Lus. iv, 88.)

Os que deixam a patria vão

> Para os bateis caminhando.
>
> (Lus., ibidem.)

Não o fazem a olhos enxutos; as lamentações dos que os acompanham redobram de intensidade á medida que se aproxima a hora fatal; a extrema afflicção faz perder a esperança do regresso; lamentam-se todos,

> As mulheres c'um choro piedoso,
> Os homens com suspiros que arrancavam;
> Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
> Amor mais desconfia, acrescentavam
> A desperação e frio medo
> De já nos não tornar a ver tão cedo
>
> (Lus. IV, 89.)

É doloroso aquelle transe, mas o dever e a necessidade fazem calar a voz do coração. Para evitar mais lagrimas esconde-se a hora exacta da partida, e embarcam-se

> Sem o despedimento costumado.
>
> (Lus. IV, 93.)

E partem, ficando-lhes,

> na amada terra
> O coração, que as maguas lá deixavam,
>
> (Lus. V, 3.)

Dura ha muitos dias a viagem. O vento é de fei-

ção, o mar plano, os horisontes claros e extensos. Navega-se de escota folgada. O commandante,

já cansado
De vigiar a noite,
Breve repouso aos olhos dava.

(Lus. II, 60.)

Dá meia noite, rendem-se os quartos,

Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam

(Lus. VI, 38.)

Como é desagradavel deixar o conchego da maca ou do beliche, quando estavamos no melhor do somno, quando talvez a imaginação nos tinha transportado á patria *em dôces sonhos que mentiam,* para ir fazer um quarto em cima da tolda, aguentando o aspero frio da noite! Por isso os pobres marinheiros

Vencidos vem do somno, e mal despertos,
Bocejando a miude, se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam.

(Lus. VI, 39.)

Não ha manobras a fazer, não ha cousa alguma que distráia, porque, com tempo tão excellente, só é preciso estar álerta. Como se hão de passar aquellas quatro horas e afugentar o somno teimoso?

> Remedios contra o somno buscar querem,
> Historias contam, casos mil referem,
>
> (Lus., ibidem.)

E ahi começa o orador, o *beau-diseur* da companhia, a contar uma historia interessante, que entretem a todos e faz voar as horas.

Mas nem tudo são rosas durante a viagem; bem pelo contrario, os espinhos são em numero muito superior. Aos dias de bom tempo succedem as tempestades, que tornam o marinheiro

> Confuso de temor, da vida incerto
>
> (Lus. VI, 80.)

e durante os quaes elle muitas vezes

> Chama aquelle remedio santo e forte
> Que o impossivel póde;
>
> (Lus., ibidem.)

> chama
> Aquelle que a salvar o mundo veio (6)
>
> (Lus. VI, 75.)

A navegação demorada e aborrecida tem exacerbado as saudades e irritado os animos; já se não juntam os grupos pelas amuradas a contar historias. Escaceia a aguada, a bolacha está avariada, azedou o vinho; vae-se a meia ração e a menos; aproxima-se o terrivel espectro das viagens prolongadas, o escorbuto. Assim vivem por muito tempo os marinheiros *coitados e perdidos,*

> De fomes, de tormentas quebrantados
> E do esperar comprido tão cansados,
> Quanto a desesperar já compellidos;
> Corrupto já e damnado o mantimento
> Damnoso e mau ao fraco corpo humano,
> E alem d'isso nenhum contentamento,
> Que sequer da esperança fosse engano.
>
> (Lus. v, 70, 71.)

A tudo se resigna o marinheiro e vae

> Soffrendo tempestades e ondas cruas,
> Vencendo os torpes frios no regaço
> Do sul e regiões de abrigo nuas,
> Engolindo o corrupto mantimento
> Temperado c'um arduo soffrimento
>
> (Lus. vi, 97.)

E peor é ainda quando chega a terrivel doença, *crua e feia,* de que já fallámos, com a qual

Tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na bôca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia
c'hum fetido e bruto
Cheiro que o ar visinho inficionava

(Lus. v, 81, 82.)

Assim se passam as semanas e os mezes. Anceia o marinheiro por pôr termo a uma navegação já aborrecida, por ter algum descanço n'aquelle lidar diario. Suspeita-se que está proxima a terra; porfia-se em qual será o primeiro que a veja; algum mais desejoso de ganhar as alviçaras sobe á *celsa* gavea, e percorrendo o mar com a vista, enxerga

Terra alta pela prôa

(Lus. vi, 92.)

e logo

«Terra, terra!» brada

(Lus. v, 24.)

Quem ha que fique indifferente a este brado? Os mais occupados largam tudo por mão, os que dormem levantam-se estremunhados dos catres, e

Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte,

(Lus., ibidem.)

devorando com elles as fórmas ainda mal distinctas da terra, e começando

> Á maneira de nuvens
> A descobrir os montes.
>
> (Lus. v, 25.)

Deu-se fundo. Acabaram os trabalhos e perigos, e quasi já esqueceram. Tudo é curiosidade dos marinheiros em observar as pessoas que de terra vem a bordo;

> A gente se alvoroça; e de alegria
> Não sabe mais que olhar a causa d'ella.
>
> (Lus. i, 45.)

Como não podem chegar-se e interrogar esses individuos, porque elles estão conversando com o commandante, contentam-se com espreital-os, e por isso

> Está a gente maritima
> Subida pela enxarcia.
>
> (Lus. i, 62.)

Por fim a curiosidade vence o respeito, e elles vão-se chegando pouco a pouco para ouvir as novidades;

A gente se ajunta a ouvir.
(Lus. vii, 29.)

Chega depois a noite; são horas de descançar e dormir pela primeira vez com socego. Mas o marinheiro esquece-se d'isso para, ou a sós comsigo, ou dando largas á sua loquacidade, fazer commentarios sobre o que viu e ouviu;

Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada.
(Lus. i, 57.)

Não escapou a Camões a qualidade ou defeito caracteristico do marinheiro portuguez, principalmente do algarvio, sempre fallador e gritador. Ainda hoje, com a disciplina moderna, é facil conseguir do marinheiro que elle faça tudo, que soffra as maiores privações, que arroste os maiores perigos; mas é difficilimo conseguir que elle esteja calado. Ha sobretudo certas manobras em que é quasi impos sivel obter um silencio completo, e no tempo das descobertas, diz-nos o Poeta que os marinheiros suspendiam

as ancoras
Com a nautica *grita costumada,*
(Lus. ii, 18.)

e largavam

> A véla, que *com grita* se soltava.
>
> (Lus. IX, 11.)

E em outro logar ainda diz-nos que

> A *celeuma medonha* se alevanta
> No rudo marinheiro que trabalha.
>
> (Lus. II, 25.)

Mas, se é inconveniente a gritaria dos marinheiros, bem pelo contrario é necessario que o official que commanda a manobra tenha voz sonora e vibrante, que domine o ruido do temporal e incuta coragem nos subordinados. Por isso nos Lusiadas, quando ruge a tempestade e é preciso que *não falte accordo,* o mestre dá as vozes do commando *rijamente* e *a grandes brados* (Lus. VI, 71, 72.)

Quando o seu navio fundeou no porto, começam para o homem do mar dias mais alegres e socegados que os passados na viagem. É então que elle se esquece da vida que levou durante tanto tempo e vae a terra,

> Que não ha nenhum d'elles que não sáia,
>
> (Lus. IX, 66.)

como gente que é

De ver cousas estranhas desejosa
Da terra.

(Lus. v, 26.)

Ahi encontra sempre divertimentos, e quando os não encontra, improvisa-os. Outras vezes recebe elle a bordo as pessoas de terra, e faz-lhes as honras da sua morada com a satisfação e liberalidade que o caracterisa.

As festas de bordo fazem-se sempre *com a prata da casa,* e comtudo é por extremo agradavel a vista que offerece um navio preparado para celebrar qualquer data memoravel, ou para festejar a visita de um personagem. Galhardetes e bandeiras com as côres symetricamente dispostas adornam os mastros; outros forram os toldos e formam sanefas pelas amuradas; lustres e troféus feitos com armas e instrumentos nauticos transformam a tolda do navio em salão de baile elegantemente adornado; os proprios pandeiros de cabos colhidos com arte desenham no nitido convez florões e iniciaes, ou servem de divans aos convidados. Os altos personagens são recebidos com marchas tocadas pelas cornetas e tambores, com musicas executadas pelas charangas, com revista da guarnição a postos de combate, com salvas de artilheria. De noite illumina-se o mar com foguetes e tigellinhas. De tudo isto fallou Camões.

Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou
Por receber com festas e alegria;

(Lus. I, 59.)

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres, resoando;

(Lus. II, 100.)

Outros
Instrumentos altinosos tangiam.

(Lus. II, 90.)

Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros e espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas;
As bombas vem de fogo e juntamente
As panellas sulphuras tão damnosas.

(Lus. I, 67, 68.)

Não faltam ali os raios de artificio
Os tremulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O céu, a terra, e as ondas atroando

(Lus. XI, 90.)

Ás salvas de bordo *agradecem* as fortalezas de terra, salvando tambem:

Respondem-lhe de terra juntamente
Co'o raio volteando com zonido;

(Lus. II, 91.)

é o canhão faz ouvir tanto e tão repetidas vezes a sua voz atroadora que as festas e cumprimentos entre gente maritima são sempre

Á maneira de peleja.

(Lus., ibidem.)

Veja-se agora se n'este assumpto, aliás secundario, esqueceu ao Poeta alguma circumstancia notavel!

IV

Se dos costumes dos homens do mar passamos aos trabalhos manuaes, que constituem a parte pratica da sua arte, vamos encontrar nos Lusiadas descripções e allusões a quasi todas as fainas e manobras tão variadas, que são necessarias para fazer servir essa complicada machina que se chama *navio.*

É imponente o espectaculo que offerece a tolda de um navio em faina geral de fazer-se de véla. Por mais numerosa que seja a guarnição, todos tem o seu posto detalhado e todos tem que fazer. Descreve Camões essa faina da maneira seguinte:

> Já nas naus os bons trabalhadores
> Volvem o cabrestante, e repartidos

Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito a dura barra,
Outros pendem da verga e já desatam
A véla.

(Lus. IX, 10, 11.)

Está o ferro a *pique,* redobram os esforços dos marinheiros para o suspender;

As ancoras tenaces vão levando,

(Lus. II, 18.)

e ao mesmo tempo

Da proa as vélas *sós* ao vento dado,

(Lus., ibidem.)

obrigam o navio a *fazer cabeça,* e eil-o que vae em demanda da barra.

Nos versos que acabamos de citar estão compendiadas todas as manobras necessarias para um navio se fazer de véla. Não o faria melhor o Bonnefoux ou o Bréart!

Na descripção da tempestade do canto VI, encontram-se todas as manobras de que se lança mão debaixo de tempo. O mestre, que presente o golpe de vento, *apita á gente* e manda *carregar e ferrar joanetes,*

Os traquetes das gaveas tomar manda, (7)

(Lus. VI, 70)

Mal estão carregados os joanetes, já o vento está a contas com o navio. *Carrega a véla grande!*

«Amaina a grande véla!»

(Lus. vi, 71.)

Não se carregou a maior a tempo, por isso ella se rasgou, e o navio, dando a borda de sotavento, metteu dentro uns poucos de *mares;*

No romper da véla a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.

(Lus. vi, 72.)

É preciso allivial-o, quanto seja possivel, dos pesos, e esgotar a agua. Por isso o mestre ordena:

«Alija tudo ao mar,
Vão outros dar á bomba, não cessando!»

(Lus., ibidem.)

e não se esquece de reforçar a *gente do governo,* pondo ao leme

Tres marinheiros duros e forçosos,

(Lus. vi, 73.)

passando-lhe ainda para mais segurança

Talhas d'uma e d'outra parte.

(Lus., ibidem.)

Chega o navio a um porto pouco conhecido. Ao *investir* a barra depara-se com uma pedra á flor d'agua. É necessario *safar* d'ella e quanto antes. Aqui é inevitavel alguma confusão; não se sabe para que lado será melhor *guinar*, e por isso os marinheiros

Maream vélas, ferve a gente irada
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre da poppa brada.

(Lus. II, 24.)

Com similhante contratempo é melhor não commetter a barra e *fundear em franquia;* por isso o commandante

Não entra pela barra, e surge fóra.

(Lus. I, 102.)

Mas depois de reconhecida a barra já se póde tentar a entrada; então

já as proas se inclinavam
Para que amainassem;
A gente e marinheiros
Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta;

(Lus. I, 48.)

e por fim

Pega no fundo a ancora pesada;

(Lus. II, 74.)

e aqui temos nós uma descripção completa da faina de fundear.

Surto o navio no porto, nem por isso cessam as suas manobras e fainas. Uma das mais importantes consiste na limpeza do costado do navio, que depois de uma viagem prolongada se acha coberto de incrustações, molluscos e algas marinhas, principalmente nas obras vivas. Quando os navios não eram forrados de cobre, como hoje são, esta operação era indispensavel, posto que difficultosa, sendo muitas vezes necessario *espalmal-os*, isto é, varal-os na praia, e até *viral-os de querena*. Não se esqueceu o Poeta d'este serviço maritimo, descrevendo-o assim:

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.

(Lus. v, 79.)

É tambem um dos primeiros cuidados nos portos o renovar a aguada, e por isso o commandante, logo que póde, determina

De vir por agua a terra;

(Lus. i, 84.)

E vão a seu prazer fazer aguada.

(Lus. i, 93.)

Para este serviço, bem como para todas as communicações com a terra dentro dos portos, serve-se a gente do mar dos *bateis* ou embarcações miudas. Estas embarcações são quasi sempre movidas por meio de remos, cuja manobra é diversa e variada conforme a maior ou menor pressa e outras circumstancias. Assim, quando o commandante vae a terra fazer uma visita official, a embarcação que o transporta vae de *voga larga e descançada,* e

O remo *compassado* fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio,

(Lus. vii, 43.)

is quando, por qualquer motivo, é preciso chegar
›idamente, não se póde perder tempo com essas
gancias de manobra; *pica-se a voga* e *aperta-se*
'emo (Lus. v, 32), duplicando a força de impul-
› e fazendo saltar o escaler por cima das ondas.
Não esqueceram ao Poeta os combates navaes,
que o marinheiro se torna soldado com duplica-
valor, pois tem de combater ao mesmo tempo os
mentos e o inimigo. Ora é um desembarque:

Apercebido vae
Em tres bateis.

(Lus. i, 85.)

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia;
A gente
A povoação
Esbombardea, accende e desbarata.

(Lus. i, 89, 90.)

ı é um combate entre as embarcações miudas dos
s contendores:

Huns vão nas almadias carregadas;
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtís.

(Lus. I, 92.)

Ora é finalmente uma verdadeira batalha naval entre duas armadas, quando

em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve.

(Lus. X, 29.)

Primeiro combatem de longe com a artilharia; segue-se depois a abordagem; e o combate decide-se por ultimo á arma branca. Assim o vencedor

Das grandes naus,
co'a ferrea pella
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, véla;
Depois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina inimiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos despejada.

(Lus. X, 28.)

V

Mostrámos até aqui como Camões conhecia e comprehendia os homens do mar, não lhe escapando nem uma das mais pequenas circumstancias, que tornam o seu modo de viver e pensar tão caracterisco e differente do dos homens da terra. Mostrámos tambem com que propriedade e conhecimento elle introduziu no seu poema a descripção ou antes a viva pintura das manobras e fainas que constituem o officio do marinheiro. Vamos agora tentar mostrar como o Poeta comprehendeu o theatro em que se passam as scenas tão variadas da vida do homem do mar.

O mar, esse elemento imponente e magestoso, que enche de espanto o homem que, pela primeira

vez, o encara, parecendo á primeira vista tão uniforme e tão igual, apresenta mil aspectos diversos, que são outras tantas manifestações das forças creadoras que abriga em seu seio. D'essas, a mais grandiosa, aquella que irresistivelmente se impõe e subjuga a alma mais destemida, é a tempestade. Nem o volcão vomitando fogo e lavas; nem a trovoada fusilando raios, atroando com o ribombar do trovão e inundando com as catadupas de agua; nem o terramoto abalando os edificios e fazendo ondular os montes; nem o kahmsin do deserto enterrando as caravanas com as suas nuvens de areia, nada póde rivalisar com uma tempestade maritima. Esta reune tudo o que os outros cataclysmos tem de bello e horroroso, e é ainda mais sublime e medonha. E são tão variados os espectaculos offerecidos pela natureza, que ainda nas tempestades maritimas ha differenças e especialidades que as distinguem entre si. Assim o temporal dos Açores não se parece com a tempestade do Cabo, como o cyclone do Oceano Indico differe do tufão do mar da China. São diversas as causas que as originam, diversas as circumstancias meteorologicas com que se manifestam, diversos, se é possivel, os horrores que inspiram.

E, comtudo, Camões apanhou essas differenças, conheceu essas circumstancias especiaes. Duas são as principaes descripções de tempestades maritimas

que elle nos offerece no seu poema. A primeira é de um temporal no Cabo da Boa Esperança, e constitue o episodio do Adamastor, que não transcreveremos por o julgarmos conhecido de todos. A tempestade começa por uma nuvem *temerosa e carregada*

que os ares escurece;

(Lus. v, 37.)

e effectivamente uma das circumstancias peculiares das tormentas do Cabo é escurecer-se completamente a athmosphera. É tambem notavel a altura que attingem as ondas n'essas occasiões, pois nenhum navegador as viu em parte alguma maiores ou iguaes. Camões notou esta circumstancia na elegia III, onde, descrevendo a sua viagem para a India, diz que

chegando ao Cabo da Esperança
Eis a noute com nuvens se escurece,
Do ar *subitamente* foge o dia
E todo o largo Oceano se embravece;
Em *serras* todo o mar se convertia.

Voltando aos *Lusiadas* observaremos que todo o horror do Cabo da Boa Esperança está n'aquella prophecia do Gigante:

Quantas naus esta viagem
Fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.
(Lus. v, 43.)

E é assim. Não ha paragem alguma do globo onde as tempestades sejam mais frequentes, podendo-se dizer que no Cabo é estado normal o mau tempo, sendo excepção a bonança. A tempestade

c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuvem negra e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
(Lus. v, 60.)

Aqui se observa como um pesado aguaceiro vem abater as ondas encapelladas, ouvindo-se comtudo por muito tempo o surdo rumor que ellas produzem como féras, mau grado seu, subjugadas pelo chicote do domador.

Mais desenvolvida é a descripção da tempestade no Indico. N'esse mar é conhecida a parte que fica entre a cabeça de Madagascar e as Seychelles pelos frequentes cyclones e golpes de vento que a açoutam e tornam perigosa a navegação. É, pois, ahi

Já nos mares da India,
(Lus. vi, 6.)

que o Poeta colloca o temporal, o qual começa, como é sabido, por uma pequena nuvem que desponta no horisonte, e dentro em pouco, tocada pelo vento com vertiginosa velocidade, occupa toda a athmosphera. A impetuosidade e o repente do assalto não dão tempo a manobras; muitas vezes é necessario *picar os mastros,* se o cyclone se não encarrega d'isso. O mar cava-se em ondas desencontradas e altissimas, e os relampagos e coriscos vem augmentar o terror. Eis estas scenas successivas da terrivel tragedia pintadas pelo mestre:

O vento cresce
D'aquella nuvem negra que apparece.
Dá a grande e subita procella.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem (a véla grande), mas juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem.
No romper da véla a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nau, n'um bordo os derribaram (os marinheiros.)
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau.
A nau grande
Quebrado leva o mastro pelo meio,

Quasi toda alagada.
Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas,
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.

(Lus. vi, 70 a 76.)

Os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando;
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando;
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões.

(Lus. vi, 84.)

Mas não são apenas os traços geraes da descripção que reproduzem a exacta verdade. Até nas mais pequenas minudencias se mostra rigorosa exactidão. Os ventos são

Noto, Austro, Boreas, Aquilo,

(Lus. vi, 76.)

recordando assim a direcção successivamente differente do vento, percorrendo todos os quadrantes, como se nota nas tempestades de rotação. Os golphinhos ou toninhas, esses graciosos companheiros do navegador durante a bonança, desapparecem d'aquelle theatro de desolação, e são substituidos pelos maçaricos, as *almas do mestre,* como lhes

chama a poetica imaginação dos marinheiros, que vem augmentar com os seus pios lamentosos a tristeza do espectaculo:

> As Halcyoneas aves o triste canto
> levantaram,
> Os delfins namorados entretanto
> Lá nas covas maritimas entraram,
> Fugindo á tempestade e ventos duros,
> Que nem no fundo os deixa estar seguros.
>
> (Lus. vi, 77.)

Isto é perfeito, isto é enexcedivel. E comtudo ha mais ainda; ha a descripção de outro phenomeno do mar, que, posta em prosa, occuparia o logar de honra no melhor tratado de meteorologia. É a das trombas marinhas. N'este phenomeno em que *as nuvens do mar sorvem as aguas do Oceano,* começa a levantar-se

> No ar um vaporsinho e subtil fumo,
> E do vento trazido, rodear-se;
> D'aqui levado um cano ao polo summo
> Se via, tão delgado que enxergar-se
> Dos olhos facilmente não podia;
> Da materia das nuvens parecia.
> Hia-se pouco a pouco accrescentando

E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'agua em si tomada,
Qual roxa sanguesuga
se enche e a alarga grandemente,
Tal a grande columna, enchendo, augmenta,
A si e a nuvem negra que sustenta.
Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu chovendo em fim vôou;
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.

(Lus. v, 19 a 22.)

Quem escreveu isto? Foi Bravais? Foi Fitz-Roy? Não; foi Luiz de Camões.

Camões tudo vê, de tudo falla. Ao fogo santelmo chama

lume vivo,
Que a maritima gente tem por santa,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura,

(Lus. v, 18.)

Tambem falla nas correntes maritimas, cujas leis eram pouco conhecidas dos primeiros navegadores, causando-lhes muitos embaraços. Ainda hoje no

canal de Moçambique se não póde contar com a corrente, ou antes deve-se esperar que ella seja sempre contraria, porque, *como no mar tudo são mudanças,* tão depressa correm as aguas ao norte como no dia seguinte correm ao sul, e com tal velocidade que vencem muitas vezes a força do vento regular. É, pois, a corrente, como descreve o Poeta

> tão possante
> Que passar não deixava por diante;
> Era maior a força em demasia,
> Segundo para traz nos obrigava,
> Do mar, que contra nós ali corria,
> Que por nós a do vento que assoprava.
>
> (Lus. v, 66, 67.)

Superior á meteorologia é a sciencia astronomica, de todas a mais necessaria ao homem do mar. É ella que lhe ensina a conhecer onde está, a que parte do vasto Oceano o levaram os ventos e correntes; é ella que lhe mostra o caminho a seguir no meio da vasta solidão. Estava esta sciencia bastante atrasada no tempo do Poeta, pois que reinava ainda o errado systema de Ptolomeu. Mas este systema é por elle descripto tão exactamente, que um abalisado professor contemporaneo, ao ter de explical-o nas suas lições de cosmographia, nunca

deixava de citar a descripção de Camões. Ptolomeu, fazendo da terra centro immovel de todo o universo, collocava a lua, o sol, os planetas e as estrellas em outras tantas espheras concentricas a ella, e que, sobre um eixo que passava pelos seus polos, giravam com velocidades diversas. Todas estas espheras eram envolvidas por uma ultima, o Empyreo, alem do qual estava o Ser Infinito, pois

> Quem cerca em derredor este rotundo
> Globo e sua superficie tão limada,
> He Deus.
>
> (Lus. x, 80.)

Começando, pois, a enumerar as superficies concentricas, cujo conjuncto fórma o systema, diz Camões:

> Este orbe, que primeiro vae cercando
> Os outros mais pequenos, que em si tem,
> Que está com luz tão clara radiando,
> Que a vista cega e a mente vil tambem,
> Empyreo se nomea.
>
> (Lus. x, 81.)

Segue-se o primeiro mobil:

> Debaixo d'este circulo,
> que não anda,
> Outro corre tão leve e tão ligeiro
> Que não se enxerga: he o mobile primeiro.
>
> (Lus. x, 85.)

Vem depois os dois crystalinos e logo o céu das fixas, entre as quaes o Poeta não se esqueceu de nomear as doze constellações zodiacaes bem como as outras mais notaveis do firmamento:

Est'outro debaixo esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado
E nos seus axes correm scintillantes;
se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.
Por outras partes a pintura
as estrellas fulgentes vão fazendo:
A Carreta, a Cynosura,
Andromeda e seu pae, e o Drago,
Cassiopea, Orionte, o Cysne,
A Lebre, os Cães, a Nau e a Lyra.

(Lus. x, 87, 88.)

Seguem-se por sua ordem os céus dos sete planetas então conhecidos, contando n'esse numero o Sol:

Debaixo d'este grande firmamento
o céo de Saturno;
Jupiter faz logo o movimento,
E Marte abaixo;

O claro olho do céo no quarto assento;
E Venus;
Mercurio;
Com tres rostos debaixo vae Diana.

(Lus. x, 89.)

Em seguida á Lua vem finalmente os quatro elementos:

o *fogo* e o *ar*, o vento e a neve
Os quaes jazem mais a dentro,
E tem co'o *mar* a *terra* por assento.

(Lus. x, 90.)

Alem d'esta descripção, que é completa, ha por todo o poema allusões ao firmamento e aos seus brilhantes luzeiros, espectaculo maravilhoso e divino em que se enlevam os olhos do marinheiro durante as longas horas da noite. Citaremos apenas a allusão ao Cruzeiro do Sul:

Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta d'ella;

(Lus. v, 14.)

á qual se segue logo a allusão áquella parte do fir-

mamento perto do polo sul, onde as estrellas são mais raras, e que os astronomos modernos chamam o *Sacco de carvão:*

> a parte menos rutilante,
> E por falta d'estrellas menos bella,
> Do polo fixo.
>
> (Lus., ibidem.)

Para acabarmos com a astronomia de Camões diremos ainda que nem sequer se esqueceu elle de fallar da *nautica,* parte pratica ou applicação d'aquella sciencia á navegação, a qual mais directamente ensina o marinheiro a *ver em que parte está* (Lus. v, 26), isto é, a *pôr o ponto na carta,* pois que nos falla do

> novo instrumento do Astrolabio
> Invenção de subtil juizo e sabio;
>
> (Lus. v, 25.)

que servia, como hoje o sextante, para

> tomar do Sol a altura.
>
> (Lus. v, 26.)

VI

Está já cançada a penna de fazer transcripções, é tempo de pôr termo a este trabalho, e ainda não temos percorrido toda a escala de variadissimos tons com que Luiz de Camões teceu a sua harmoniosissima composição sobre as cousas do mar. Fallaremos ainda, antes de terminar, da Geographia, sciencia que o Poeta possuiu em subido grau, e que, como a astronomia e a meteorologia, é tambem essencialmente necessaria ao marinheiro.

Os *Lusiadas* são por si só um completo tratado da sciencia da terra. Não ha ponto conhecido no mundo do seculo xvi de que o Poeta não falle, assignando a cada um a sua feição geographica caracteristica, a sua especialidade ethnographica. Mas

as suas descripções tem ainda a particularidade de serem essencialmente maritimas. Effectivamente ao marinheiro o que mais importa saber, depois da posição dos logares, é a fórma com que elles se apresentam vistos do mar, fórma que o marinheiro precisa de gravar na memoria para poder distinguir uns dos outros montes, cabos, praias ou enseadas aliás muito similhantes. Para isto serve-se muitas vezes o navegador da comparação com objectos conhecidos, e foi de certo elle quem inventou os nomes de Sombreiro, Barrete de S. Fillippe, Bonet de Jockey, Nariz de Nelson, e tantos outros, para designar e reter na memoria a fórma de certas saliencias da superficie da terra banhadas pelo mar. Ora, nas descripções geographicas de Camões, nota-se que elle procura muitas vezes dar o relevo da costa, e que quasi sempre refere a ella a descripção dos outros logares notaveis do interior, por modo que as suas descripções são preciosissimas para um *roteiro* e ensinam muitas *conhecenças* do *debuxo da costa* (Lus. x, 120), conhecimento altamente necessario ao navegador. Não se esquece tambem o Poeta de notar qualquer circumstancia, cujo conhecimento seja util ao navegante, como os productos da terra, a maior ou menor facilidade de se acharem mantimentos, a qualidade dos portos, etc.

Não sendo possivel transcrever todos os logares dos *Lusiadas* que tratam de geographia, porque se-

ria preciso copiar dezenas e dezenas de estancias, citaremos apenas alguns poucos exemplos, e seja o primeiro a descripção da Europa:

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.
Da parte donde o dia vem nascendo
Com Azia se avisinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.
Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos ventos se enobrecem;
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está continuo pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

(Lus. iii, 6, 7 e 8.)

A esta descripção geral da Europa segue-se a es-

pecial dos seus paizes. Como não as podemos descrever todas, lembraremos a da Italia:

> Da terra um braço vem ao mar, que cheio
> De esforço, nações varias sujeitou,
> Braço forte de gente sublimada
> Não menos nos engenhos que na espada;
>
> (Lus. III, 14.)

a de Hespanha:

> Eis aqui a nobre Hespanha,
> Como cabeça da Europa toda;
> Com Tingintina entesta, e ali parece
> Que quer fechar o mar Mediterrano,
> Onde o sabido Estreito se enobrece
> Co'o extremo trabalho do Thebano;
> Com nações differentes se engrandece
> Cercadas com as ondas do Oceano;
>
> (Lus. III, 17, 18.)

e a de Portugal:

> Eis aqui, quasi cume da cabeça
> Da Europa toda, o reino Lusitano,
> Onde a terra acaba e o mar começa
> E onde Phebo repousa no Oceano.
>
> (Lus. III, 20.)

Veja-se como em duas palavras se demonstra a importancia do porto de Moçambique:

Esta ilha pequena
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala;
E por ser necessaria procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a;

(Lus. I, 54.)

e como com outras duas se descreve a ilha de Mombaça:

Estava a ilha á terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade n'ella situada,
Que na frente do mar apparecia,
Como *por fora ao longe* descobria,
Regida por um Rei de antiga idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

(Lus. I, 103.)

A grande peninsula indostanica, esse theatro de tantas glorias nossas, é pintada assim:

Alem do Indo jaz, e aquem do Gange,
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange

E para o Norte o Emodio cavernoso;
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.
Lá bem no grande monte, que, cortando
Tão longa terra, toda Azia discorre,
Que nomes tão diversos vae tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes sabem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.
Entre um e outro rio, em grande espaço,
Sae da larga terra uma longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula defronta.

(Lus. VII, 17, 18 e 19.)

Nomea depois o Poeta as principaes nações indianas, e não lhe escapa lembrar a serra dos Gates, que é uma boa *marca* por ser visivel de muitas leguas ao mar:

Aqui se enxerga, *lá do mar undoso,*
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro
Com que do Canará vive seguro;
Da terrra os naturaes lhe chamam Gate.

(Lus. VII, 21, 22.)

E ao passar pelos seus portos não se esquece de notar o phenomeno a que os modernos geographos francezes dão o nome de *raz-de-marée,* que em alguns d'elles se observa, principalmente em Madrasta:

> Do mar a enchente *subita grandissima,*
> E a vasante que foge *apressurada.*
>
> (Lus. x, 106.)

Fallando de Aden, lembra o Poeta a circumstancia bem conhecida de nunca lá chover:

> a secca Adem,
> pedra viva,
> Onde chuva dos céus se não deriva.
>
> (Lus. x, 99.)

E estas duas palavras—*pedra viva*—são por si só uma completa descripção d'aquelle arido rochedo, onde já correu muito sangue portuguez.

A Ieddah attribue Camões toda a importancia que esse porto tem por ser a unica communicação para os peregrinos que, por mar, vão a Mecca:

> Lá no seio Erythreo
> Não longe o porto jaz da nomeada

Cidade Meca;
Gidá se chama o porto aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia.

(Lus. IX, 2, 3.)

Mas a descripção verdadeiramente magnifica, arrebatadora, é a que abrange todas as descobertas e conquistas na Africa, Asia, Oceania e America. Aquellas cincoenta estancias do canto X (91 a 141) com as que no canto V contem a *derrota* de Vasco da Gama desde Lisboa até Melinde, são um compendio de geographia das descobertas até ao seculo XVI. Ao lel-as parece-nos que se repete para nós a magica visão que Tethys offerecia na ilha dos Amores aos olhos surpresos do afortunado descobridor da India; parece-nos que vemos desenrolar-se a nossos olhos o mappa immenso de tantas ilhas, portos, montanhas, rios e promontorios; parece-nos que se agitam diante do nós tantos centenares de povos e nações, com os seus usos tão oppostos, com os seus trajos ora tão singelos ora tão complicados e custosos, com a riqueza de suas minas ou de suas industrias, com a sua historia tão cheia de contrastes. É um espectaculo deslumbrante, unico, que obriga o mais fervente admirador dos genios modernos a render-se á superioridade evidente de Camões; porque Camões, e só elle, poude, sem ser monotono nem faltar á mais escrupu-

losa verdade, fazer de uma longa enumeração de terras e mares uma formosissima galeria das mais variadas paisagens e marinhas; porque só elle soube ser successivamente Claude Lorrain e Vernet, ficando ainda superior a estes e a todos os pintores, ficando sempre o grande, o incomparavel, o divino marinheiro LUIZ DE CAMÕES!

VII

> No mais, musa, no mais, que a lyra tenho
> Destemperada e a voz enrouquecida,
> E não do canto, mas de ver que venho
> Cantar a gente surda e endurecida.
>
> (Lus. x, 145.)

Perdoe-se ao pigmeu a ousadia de applicar a si as palavras do gigante. Mas, na verdade, para que serve continuar? Se houvessemos de citar todos os logares em que Luiz de Camões se mostrou eximio pintor da natureza, e principalmente da natureza maritima, teriamos de copiar quasi todo o seu poema. Cremos, porém, que o que fica transcripto é sufficiente para demonstrar a nossa asserção, de que o Poeta foi um marinheiro tocado da divina scentelha

da inspiração, que lhe fez ver os grandiosos espectaculos da natureza taes como elles se manifestam.

E, comtudo, de que serve esta demonstração? Que póde ella fazer em prol do melhoramento do actual gosto litterario?

Nada.

Acontece com a historia das litteraturas como com a das nacionalidades. Quando o espirito de uma nação está decaído, quando faltam os nobres impulsos que a impelliram no seu progresso ascendente, quando está morto o patriotismo que centuplica as forças do individuo, quando o egoismo tórpe substituiu a abnegação e o amor da patria, é então que se recordam os tempos de gloria e se levantam monumentos aos heroes que já não é possivel imitar; são os vãos lamentos dos filhos de Israel captivos em Babylonia, suspirando pela liberdade de Sião, que tão mal souberam defender.

E assim com as litteraturas. Quando passaram, para nunca mais voltar, os seus tempos de explendorosa florescencia, vem os commentadores estudar as obras primas, mas não apparece um só que os imite. Onde estão hoje as pennas que escreveram os *Lusiadas* e as *Decadas?* E, deixando esses monumentos, que são como que as estrellas de primeira grandeza de um firmamento de eterno brilho, onde estão os successores de Diniz, de Bocage, de

Garção, de Alexandre Herculano, de Rebello da Silva, de José Estevão, de Garrett, de Castilho? Transformaram-se os lagos cristalinos em charcos nauseabundos, as campinas viridentes em aridos pragaes; calaram-se os trinados dos rouxinoes, só se ouve o coaxar das rãs; e a consciencia publica, festejando o tri-centenario da morte de Luiz de Camões, manifesta em doloroso grito o arrependimento que sente por se ter deixado resvalar no plano inclinado do mau gosto, e marca na historia da litteratura portugueza o periodo da ultima decadencia.

FIM